

Teko Porã, Bem Viver e Saúde: algumas perspectivas para trabalhar com concepções ampliadas de cuidado em saúde

Maria Gabriela Curubeto Godoy: Saúde Coletiva - UFRGS

Camilla Alessandra Schneck: Enfermagem - UFRGS

Acadêmicas de Saúde Coletiva: Lara Yelena Werner Yamaguchi e Ana Paula Blankenheim

Acadêmicos de Agronomia: Roberta Carolo e Tiago Fedrizzi

Acadêmica de Nutrição: Mariana Espíndola Robin

O Programa Teko Porã, Bem Viver e Saúde, iniciado em 2014 como ação de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), propõe atividades que estimulam o repensar da relação que as pessoas mantêm consigo mesmas, com os outros, com a natureza e o mundo. Baseado em uma concepção ampliada de saúde, o programa inclui práticas integrativas e complementares (PICs), práticas populares de saúde, bem como ações de educação popular e promoção da saúde, focando populações vulneráveis, como a população em situação de rua, além de atividades abertas para a comunidade em geral.

Fundamentação teórico-metodológica

Teko Porã significa “Bem Viver” em guarani, e representa uma cosmovisão ancestral, que prima pela realização plena da vida no planeta em muitas culturas originárias. Através do “Bem Viver” se reconhece a importância da interação e interdependência entre o ser humano, a natureza e o cosmos. Esta concepção favorece uma relação contemplativa/integrativa/ativa com o mundo ante um modelo de crescimento e desenvolvimento econômico, científico e tecnológico que exaure as pessoas e degrada o planeta (ACOSTA, 2016).

A noção de cuidado aqui dotada concebe este como sendo composto por bases racionais e,

também, como fonte de amorosidade, responsabilidade, solidariedade, cooperação, criatividade, sustentabilidade e integração social (BOFF, 1999). Dessa concepção de cuidado derivam noções ampliadas e multidimensionais de saúde, que incluem aspectos biológicos, psicológicos, sociais, espirituais e outros. Na perspectiva do Bem Viver, o cuidado apresenta, pelo menos, duas dimensões: uma ontológica e outra processual. A dimensão ontológica, compreende o cuidado como pré-ocupação fundamental do existir humano, uma abertura originária de sentido que ilumina o que lhe vêm ao encontro, ao mundo, e ao outro (HEIDEGGER, 2004). Na dimensão processual, o cuidado é relacional, gerando um processo de “circularidade do cuidado” (GODOY et al., 2012) que perpassa o “cuidado de si”, o “cuidado do outro” e o “cuidado do mundo” (MARIOTTI, 2002). Cria-se assim, um movimento sistêmico instigador de novos agenciamentos possíveis. O cuidado de si e o cuidado do outro produzem, segundo Baggio, Erdmann (2015), um cuidado do nós/ de nós, de ordem intersubjetiva, o que é fundamental no campo da saúde.

Como bem imaterial, o cuidado circula socialmente, tomando o sentido de “dádiva”, em uma lógica anti-utilitarista que constitui um sistema de reciprocidade interpessoal



Figura 2 - Exposição da EPA. Créditos: Guilherme Santos, Jornal SUL 21



Figura 4 - "Fecundar a terra" (ponte entre mundos). Créditos: Maria Gabriela C. Godoy



Figura 3 - "Afagar a terra" (Canteiro em espiral). Créditos: Maria Gabriela C. Godoy



Figura 5 - "A propícia estação" (a colheita). Créditos: Roberta Carolo

Realizada em outubro de 2016 na Câmara de Vereadores de Porto Alegre, a exposição apresentou criações em cerâmica, papel artesanal e xilogravuras. Visibilizar a população em situação de rua através da arte é mostrá-la por sua potência criativa, o que pode contribuir na renovação de sonhos individuais e coletivos, nutrindo o que nos torna humanos de modo a não subsumir à impossibilidade de aceitar o outro, o aparentemente diferente, como o que vive na rua e que em tantos aspectos é um espelho de nós mesmos e daquilo que não queremos ver. As vivências artísticas possibilitam, portanto, estabelecer pontes entre mundos nem tão distantes entre si. Como promotora da saúde e de

cuidado, a arte contribui para o fortalecimento do autoconhecimento, e o protagonismo maior dos estudantes.

Horta Agroecológica da EPA

Iniciada em 2016, a horta da EPA representou a retomada dessa atividade na escola. Através de oficinas semanais, o trabalho com a terra e as plantas possibilita observar a temporalidade cíclica da natureza e compreender aspectos frequentemente observados em populações excluídas e vulneráveis, como: o imediatismo, as frustrações recorrentes de necessidades básicas,

a intensificação do lado trágico da vida, a grande criatividade, e as estratégias diversificadas de resiliência e sobrevivência. O contato com a terra possibilita a confluência de dimensões objetivas e subjetivas do cuidado: o cuidado das plantas simbolicamente remete ao cuidado de si e permite acompanhar a delicadeza da vida, que se expressa na alegria cotidiana ao ver o crescimento das plantas semeadas, ou lidar com a frustração daquilo que não vingou. A horta possibilita, também, o exercício de uma ação coletiva, com um trabalho em equipe no qual devem ser elaboradas mediações entre interesses e formas de participação diversos.

Entre os desafios vivenciados, encontra-se o de adequar o processo metodológico das oficinas às características e necessidades observadas nos estudantes da EPA, que respondem de maneira mais efetiva a trabalho com projetos, a atividades práticas e concretas, a oficinas de meio turno, e a uma temporalidade que deve estar bem ajustada ao manejo grupal, de maneira a evitar a dispersão gradual.

Além dos resultados previamente esperados,

também decorreram dessa experiência a aproximação entre estudantes da EPA e vizinhos do entorno, através das oficinas sempre abertas à comunidade, e a articulação interdisciplinar entre estudantes e professores da universidade e da comunidade escolar.

Considerações Finais

Como fio condutor da urdidura de experiências alinhavadas pelo programa Teko Porã, distinguem-se o vínculo, o olhar atento, o diálogo, a escuta, a capacidade de afetar e ser afetado pelo outro, e o convívio receptivo com a alteridade do grupo. As atividades desenvolvidas têm possibilitado a construção gradual de um processo de circularidade do cuidado onde, simultaneamente, o cuidado de si, do outro, do/de nós e do mundo, se desenvolvem e articulam. A receptividade e abertura oportunizadas por cenários de práticas como a EPA e a UBS Santa Cecília, possibilitam experimentar projetos de promoção da saúde direcionados para a valorização da autonomia e protagonismo dos envolvidos em relação a diversas formas de cuidado. ◀

Referências

- ACOSTA, A. **O Bem Viver – Uma oportunidade para imaginar outros mundos**. São Paulo: Ed. Elefante, 2016.
- BAGGIO, M.A.; ERDMANN, A.L. A Circularidade dos Processos de Cuidar e Ser Cuidado na Conformação do Cuidado “do Nós”. **Revista de Enfermagem Referência**. Série IV - n.º 7 - out./nov./dez. 2015, pp.11-20.
- BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano. Compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- DIONISIO, Gustavo Henrique. **O Antídoto do Mal: crítica de arte e loucura na modernidade brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2012.
- FRAYZE-PEREIRA, João A.. Nise da Silveira: imagens do inconsciente entre psicologia, arte e política. **Estud. av., São Paulo**, v. 17, n. 49, p. 197-208, dez. 2003.
- GODOY, M.G.C.G.; VIANA, A.P.F.; VASCONCELOS, K.A.G.; BONVINI, O. O Compartilhamento do Cuidado em Saúde Mental: uma experiência de cogestão de um Centro de Atenção Psicossocial em Fortaleza, CE, apoiada em abordagens psicossociais. **Saúde Soc. São Paulo**, v.21, supl.1, p.152-163, 2012.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 13º ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. v. 1.
- MARIOTTI, H. O viver. In: SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE (São Paulo). **Acolhimento: o pensar, o fazer, o viver**. São Paulo: Palas Athena: Unesco, 2002.
- MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.